



## **TÍTULO: MORADA**

Centro de Conscientização e acolhimento da mulher

*Juliana Machado Vieira<sup>1</sup>*

*Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, MG*

*Aline de Barros Pimenta<sup>2</sup>*

*Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, MG*

Linha de Pesquisa: Arquitetura e Urbanismo na Contemporaneidade

### **RESUMO**

O trabalho final de graduação possui o objetivo de desenvolver uma casa-abrigo de caráter sigiloso e um centro de conscientização, na cidade de Juiz de Fora- Minas Gerais. A fim de suprir a necessidade de ajudar essas mulheres que são vítimas de violência e que precisam de ajuda para passar por esse momento difícil, tendo um espaço humanizado com o uso da biofilia, iluminação natural, espaços livres e integrados para auxiliar no processo de cura e reinserção na sociedade. Já o centro, para unir mulheres com o mesmo propósito e realizar troca de experiência, conhecimento, realização de eventos de conscientização e voz as mulheres de Juiz de Fora.

**Palavras-chave:** Violência. Mulher. Casa-abrigo. Femicídio. Covid-19.

### **1 INTRODUÇÃO**

Reconhece-se que a violência sempre esteve presente na sociedade, potencializando-se tal quadro a partir do momento em que se inseriram no mercado de trabalho e se tornaram mais ativas social e profissionalmente. Busca-se, principalmente, compreender o panorama histórico das mulheres no cenário brasileiro, onde constata-se a baixa visibilidade dada ao tema e a incompatibilidade entre problema e solução, visto que medidas que auxiliariam na diminuição ou

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Academia - UniAcademia. Endereço: Rua Vieira Marquês, nº 128, AP 201- Centro- Santos Dumont- MG. Celular: (32) 99970-4408. E-mail: juliana-machado-vieira@hotmail.com

<sup>2</sup> Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Academia - UniAcademia. Orientador(a).

solução dos casos de violência contra a mulher não são aplicadas assertivamente.

Através de dados coletados e pesquisas realizadas juntamente aos órgãos que prestam serviço a mulheres em situação de violência, é possível entender a falha que ainda existe no sistema para trazer à tona o assunto. Dessa forma, também é importante compreender os tipos de violência que existem para observar que o assunto ainda é de baixa visibilidade e nem sempre medidas que auxiliem na diminuição ou na solução do problema são praticadas. Conforme a pesquisa do IBGE, através do jornal O Globo- Celina (2018), evidencia-se que:

Mesmo previsto na **Lei Maria da Penha**, criada há 13 anos, o acolhimento em casas-abrigo de mulheres ameaçadas de morte como G. só é realidade em 2,4% das cidades brasileiras. Ao todo, são 153. Nos últimos cinco anos, não houve avanço algum. Os dados são de 2018 e constam da mais recente pesquisa de Informações Básicas Municipais do **IBGE**, divulgada nesta quarta-feira.

Em relação aos investimentos feitos pelos estados em casas-abrigo, houve melhora entre 2013 — quando 12 unidades da federação contavam com equipamento gerido pela administração estadual — e 2018, quando este número subiu para 20. Hoje, somente Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Goiás e os três estados do Sul não investiram nesse equipamento de apoio à mulher vítima de violência doméstica e familiar (COSTA; TATSCH, 2019).

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 A MULHER NA CIDADE: CONTEXTO HISTÓRICO

A sociedade sempre foi compreendida como “o homem no centro do universo”, termo conhecido como Antropocentrismo, afirmado e apoiado pela grande maioria das pessoas, inclusive quando se questiona a igualdade de gênero, reforçando a intenção de tornar e manter a mulher invisível.

O início da conquista das mulheres começou na educação, já que entre 1500 e 1827 não possuíam o direito de frequentar uma escola independente da classe social, por exemplo, naquela época todas eram ensinadas a servir ao homem como de

costume e acreditavam que o conhecimento iria atrapalhar seu desenvolvimento doméstico e de submissão.

Os primeiros trabalhos oferecidos, não eram dos melhores. Infelizmente, mesmo com a conquista ainda queriam menosprezar a classe com o que podiam, já que muitas vezes a maioria dos funcionários eram homens, inclusive os patrões. Conseqüentemente, muitas passavam por humilhações, eram assediadas por seus superiores e precisavam aceitar, se submeter, já que se acreditava no abusador ao invés da vítima.

Após inseridas no mercado de trabalho, a realidade da vivência muda e conseqüentemente a postura da mulher na sociedade também se transforma ao começar a observar como eram as relações exteriores o quanto perderam por estarem atrás das paredes de suas casas vendo os dias passarem. A sede pelo conhecimento, por desbravar o novo, ter seu próprio dinheiro para conseguir fortalecer seu direito de escolha resultou no sentimento de LIBERDADE que no fundo já existia, mas que ainda era inativo.

**Figura 1:** Linha do tempo da mulher na sociedade



Fonte: Sesc RJ. Acessado em: 10 de Abril de 2021.

## 2.2 A Violência contra a mulher

A violência contra mulher é um problema mundial que assume cenários diferentes, mas que partem de um mesmo princípio tornar a mulher um ser humano banal, que merece ser agredida, violentada, humilhada e domada. Os relatos de violência seguem sempre o mesmo ciclo, conforme exposto na figura 2. Normalmente, os casos partem de parceiros das vítimas que por motivos injustificáveis apresentam comportamento de tensão e irritação, configurando-

se, assim, os primeiros sinais da violência. A vítima acuada, por sua vez, procura não contrariar seu companheiro de forma a tentar não potencializar a agressão. Inicia-se, assim, o processo de negação em que a mulher se recusa a aceitar a realidade do que vive e das consequências deste cenário para o futuro. Logo após esse primeiro sinal, desencadeiam-se os tipos de violência que normalmente acontecem em sequência e se agravam, resultando em novos atos da violência, seja com o reniciar do ciclo ou feminicídio.

**Figura 2:** Ciclo da Violência



Fonte: Youtube- TEDxFortaleza. Acessado em: 11 de Abril de 2021.

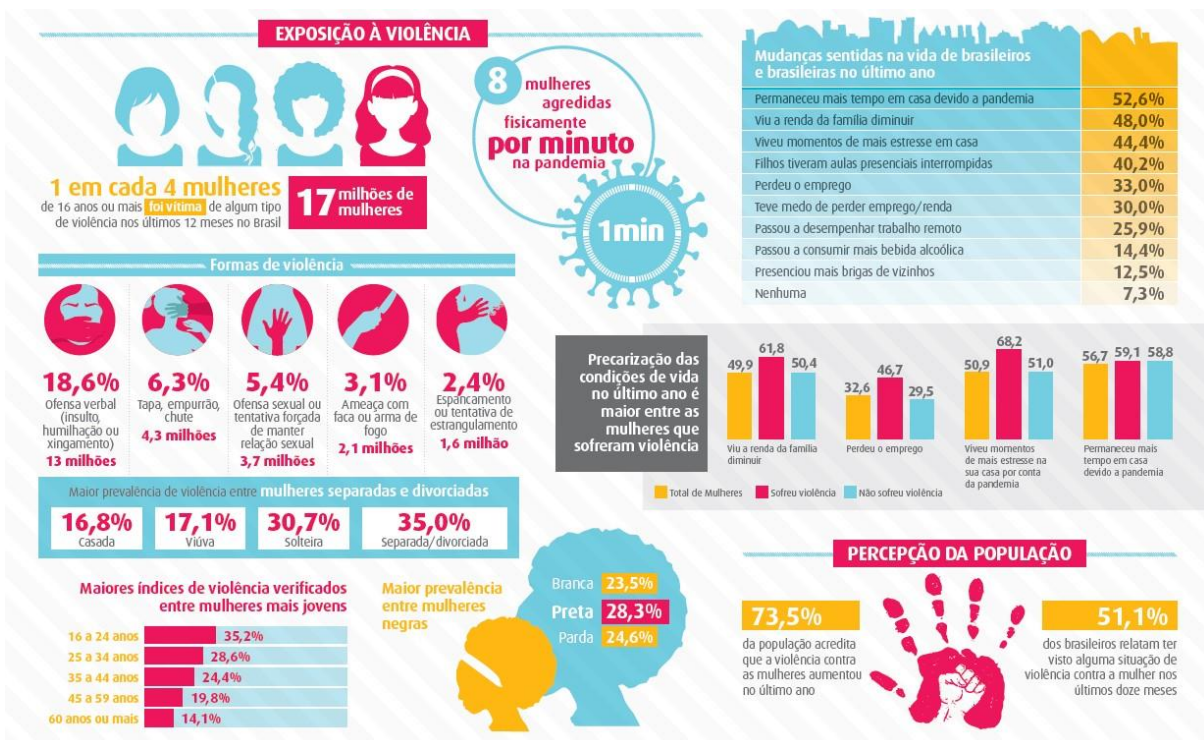
Observa-se na figura 3 a realidade vivida pelas mulheres no Brasil, onde toda mulher já sofreu algum tipo de violência que muitas vezes nem sabe que é reconhecido e classificado como tal. Os ambientes em que ocorrem as violências são os mais cotidianos possíveis: ambiente de trabalho, rua, escola, transporte público e em casa.

Qualquer tipo de violência precisa ser reconhecida e denunciado para que apliquem-se as medidas de auxílio e proteção às vítimas. Esse é um ponto muito discutido diante do tabu enfrentado em muitos centros de atendimento que não necessariamente são destinados a mulheres e que refletem a sociedade hipócrita e machista existente. Tais centros de atendimento por conduta própria buscam inverter os papéis agressor/vítima, culpando a vítima pela agressão sofrida e justificando-a, seja pela forma como a vítima age ou por ela não aceitar a posição que lhe foi dada, pela roupa que usa, o horário que estava na rua ou mesmo por outros motivos que não deveriam ser considerados no ato de uma denúncia.

O cenário do vivido pela pandemia através do COVID-19 modificou a rotina da

sociedade e principalmente das mulheres que podiam ir e vir de seus empregos e não ter convivência de 24h com seus agressores. A casa passou a não ser um local seguro em que pudesse ficar sem medo, e pedir ajuda tornou-se praticamente impossível o que levou a um processo de agravamento diário, tornou-se mais difícil denunciar, já que as mulheres não podiam sair de casa ou ficavam sendo monitoradas pelo telefone.

**Figura 3: A VITIMIZAÇÃO DE MULHERES NO BRASIL 3º EDIÇÃO- 2021 PARTE 1**



Fonte: Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Acessado em: 02 de Junho de 2021.

### 2.3 A casa da mulher

A primeira casa da mulher a ser inaugurada no Brasil foi em Campo Grande, em 2015 a Casa da Mulher Brasileira que buscava o enfrentamento à violência contra a mulher com um atendimento humanizado e especializado possuindo um programa de necessidades multidisciplinar, humanizado e suficiente para suprir a necessidade das assistidas, também contava com uma vara especializada em medidas protetivas e execução de penas do país. O funcionamento era de 24h para facilitar o acesso, afinal não há hora para ser agredida.

**Figura 4:** Casa da Mulher Brasileira- Campo Grande



Fonte: Ministério da mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Acessado em: 02 de Junho de 2021.

## **2.4 A casa-abrigo**

A primeira casa-abrigo foi constituída em São Paulo em 1986- Centro de Convivência para mulheres vítimas de violência doméstica (Convida), possuindo um programa muito simplificado e com dificuldades na estrutura física tendo dificuldades para atender as demandas que existiam.

Todas as casas devem seguir as recomendações básicas para manter a segurança do local, dos funcionários e das abrigadas. Além disso tem a função de acolher as mulheres em situações gravíssimas como ameaça ou risco de morte, oferecendo medida protetiva garantindo a integridade física e moral das vítimas e por possuir maior tempo de permanência e de caráter sigiloso. As características das casas-abrigo têm caráter residencial com o intuito de lembrar um lar e causar a sensação de acolhimento, mas sem o caos existente nos lares originais.

O espaço deve ter no seu programa de necessidades de acordo com a norma toda a assistência que as abrigadas vão necessitar para não precisar sair desse espaço, já que fica inviável o trânsito a fim de não colocar em risco a vida de todas, entre o programa de necessidades obrigatório tem-se: Sala de Acolhimento, sala para os profissionais, espaços que estimulem a vivência do dia a dia fora do abrigo, integração das abrigadas entre outros.

## **3 METODOLOGIA**

A metodologia deste trabalho é dividida em quatro etapas: a primeira consiste na pesquisa que auxilia na coleta de dados para analisar a fundo o tema (Referencial Teórico) entendendo a sua necessidade e como a arquitetura pode auxiliar. O segundo, é a análise da região no qual o projeto será desenvolvido para que a localização seja efetiva para a proposta arquitetônica. O terceiro é a junção do estudo da região com a análise do tema escolhido para compreender a melhor forma de se desenvolver o produto final. E por fim, o desenvolvimento do projeto arquitetônico que será o resultado de tudo estudado para atender a demanda encontrada através do Morada-Centro de conscientização e acolhimento da mulher que são dois projetos individuais com um mesmo objetivo.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **4.1 LOCALIZAÇÃO**

A cidade de Juiz de Fora está localizada na Zona da Mata (Minas Gerais) com a população de aproximadamente 577.532 mil pessoas segundo o censo do IBGE de 2021. A localização escolhida possui diversidade de serviços nas áreas de educação, saúde, comércio, cultura e lazer. Grande parte do fluxo de pessoas na cidade é resultado do número de estudantes que a cidade acolhe e que, muitas vezes, mudam-se sozinhos, deixando suas famílias em suas cidades natais.

Pelo porte da cidade e pelo número de habitantes, Juiz de Fora deveria ter um polo especializado para atendimento a mulheres em situação de violência e que buscam ajuda. Possuindo hoje, somente a DEAM e a Casa da mulher, que funciona em horário comercial (08h às 18h) deixando desamparadas as mulheres que necessitam de ajuda fora deste horário. Além disso, a cidade não conta com um lugar específico para abrigar mulheres que precisam de um lugar para ficar.

O bairro escolhido foi o São Bernardo, no leste da cidade local que ocorre o maior número de denúncias. Possui proximidade com equipamentos públicos de atendimento como a Casa da Mulher, DEAM, Crás, Pronto atendimento (Regional Leste) e acesso facilitado pela Av. Brasil que corta o eixo de Juiz de Fora.

**Figura 1:** Localização no mapa



Fonte: Blog de Geografia. Acessado em: 09 de setembro de 2021. (Edição Autoral)

## 4.2 DESENVOLVIMENTO

A necessidade da implantação de uma casa-abrigo na cidade e de um espaço em que as mulheres se sentissem confortáveis em estar para trocar experiências umas com as outras, afim de um mesmo objetivo: A MULHER.

Desta forma, a proposta do abrigo pretende atender as necessidades das mulheres assistidas de forma que elas possam iniciar seus processos de cura dentro do espaço arquitetônico com ambientes capazes de auxiliar, instruir e amparar a assistida no tempo de permanência, como os consultórios com psicóloga, assistente social, advogada e médica. Os dormitórios possuem 3 tipologias, sendo as suítes individuais, duplas com duas camas ou duplas com uma cama e um berço, sendo assim compartilhados apenas com membros da mesma família. Já os outros ambientes são compartilhados entre as usuárias e seus filhos apenas nos setores sociais, como sala de estar/jantar e cozinha, varandas, salas de ensino, espaço pet, espaço ecumênico, bazar, home office e refeitório o que é capaz de proporcionar a criação de uma comunidade que irá ajudar umas as outras para que seja possível recomeçar.

Já o centro, busca reunir mulheres para trocas de experiência, além de profissionalizar, conscientizar e enaltece-las. Tornando-as assim mulheres



independentes, financeiramente e emocionalmente. Além de ser aberto ao público em ocasiões de palestras e outros eventos, o espaço é totalmente flexível a necessidade imposta. Um espaço em que seja possível conscientizar sobre a violência contra a mulher e formas de reagir caso esteja vivendo um, criando uma comunidade ativa e reflexiva.

Todo o espaço arquitetônico foi pensado e desenvolvido para abraçar e fazer os usuários se sentirem confortáveis e importantes, com o uso da neuroarquitetura, biofilia, arquitetura sensorial e espaços mais livres para ter contato com o ambiente externo sem necessariamente estar fora, mantendo sempre um dos principais pontos do projeto a segurança.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Relacionando todos os dados citados neste trabalho, conclui-se a necessidade de estudar e desenvolver ambientes mais humanizados que busquem mudar a realidade vivida pelas pessoas, sejam elas em qualquer situação, principalmente o público alvo deste Trabalho Final de Graduação. A proposta do projeto busca lembrar e reafirmar a importância para este tema que fica em segundo plano ou é ignorado pelas pessoas, mas é claro menos pelas vítimas que convivem com ele diariamente e não sabem por onde começar, a informação precisa ser repassada e incentivada.

O tema trata de uma realidade triste em que a sociedade comporta pensamentos de machistas, racistas, violência por cor e gênero e que mulheres não merecem estar onde elas quiserem. Os pontos de atendimento a mulher nem sempre possuem o humanismo necessário para auxiliar e fazer a vítima se sentir confortável para denunciar e reniciar sua vida. Dificultando a erradicação e diminuição do número de vítimas no mundo e principalmente no Brasil. As mulheres do mundo pedem socorro e no fundo dizem todos os dias “tomara que alguém nos escute”.

A cidade de Juiz de Fora por sua grande extensão territorial e o número de mulheres que sofrem/sofreram e ainda vão passar por esta situação é gritante, o que faz refletir sobre a real necessidade de uma casa-abrigo na cidade para conseguir atender a demanda que existente que é considerada um problema público, político, social e necessário.

## **ABSTRACT**

*The final graduation work has the objective of developing a shelter of a confidential character and an awareness center, in the city of Juiz de Fora- Minas Gerais. In order to meet the need to help these women who are victims of violence and who need help to go through this difficult time having a humanized space with the use of biophilia to assist in the healing process, already the center to help women who have not yet arrived in the extreme scenario of needing to enter a shelter.*

**Keywords:** Violence. Woman. Shelter. Femicide. Covid-19.

## REFERÊNCIAS

ARCHDAILY. **Refugio para Mujeres Víctimas de la Violencia / ORIGEN 19°41' 53" N**. Disponível em: <[https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/907075/refugio-para-mujeres-victimas-de-la-violencia-origen-19o41-53-n?ad\\_source=search&ad\\_medium=search\\_result\\_projects](https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/907075/refugio-para-mujeres-victimas-de-la-violencia-origen-19o41-53-n?ad_source=search&ad_medium=search_result_projects)>. Acesso em: 4 mai. 2021.

BERTOLIN; MARTINS, Patrícia Tuma. **Mulher, Sociedade e Vulnerabilidade**. 1. ed. Erechim: DEVIANT, 2017. p. 11-243.

BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Norma Técnica de Uniformização - Centros de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência**. Brasília, DF, 2006. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/politicas-para-mulheres/arquivo/arquivos-diversos/publicacoes/publicacoes/crams.pdf>>. Acessado em: 17 jun. de 2021

FORÚM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência contra a mulher - Dados, pesquisas e análises**. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/>>. Acesso em: 2 jun. 2021.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. **O QUE É VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**. Disponível em:<<https://www.institutomariadapenha.org.br/>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

**Pesquisadores avaliam violência doméstica na pandemia em JF**. Tribuna de Minas. 05 de Maio 2021. Disponível em:

<<https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/05-05-2021/pesquisadores-avaliam-violencia-domestica-na-pandemia-em-jf.html>>. Acesso 26 jun. 2021.

SECRETARIA DE ESTADO DA MULHER. **Brasília se prepara para receber a primeira Casa da Mulher Brasileira.** Disponível em: <<http://www.mulher.df.gov.br/brasil-se-prepara-para-receber-a-primeira-casa-da-mulher-brasileira/>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

SERVIÇOS DA PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. **Casa da Mulher e Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam).** Disponível em: <<https://servicos.pjf.mg.gov.br/servicos/16/detalhe/666>>. Acesso em: 26 jun. 2021.

SESC. **Março Delas: Conheça a Trajetória das Lutas pelos Direitos das Mulheres no Brasil.** Disponível em: <<https://www.sescrj.org.br/noticias/assistencia/marco-delas-conheca-a-trajetoria-das-lutas-pelos-direitos-das-mulheres-no-brasil/>>. Acesso em: 10 abr. 2021.